

Corpo e Religião: Paulo de Tarso e a experiência de conversão ao movimento cristão¹

Monica Selvatici²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar historicamente, dentro do contexto das relações entre a questão do corpo e da religião, o fenômeno da conversão do judeu fariseu Paulo de Tarso ao movimento cristão antigo. Para o estudo, tomam-se por fontes as epístolas por ele redigidas às comunidades cristãs que fundou na região mediterrânea oriental sob o domínio do Império Romano.

PALAVRAS-CHAVE

Paulo de Tarso, corpo e religião, conversão.

ABSTRACT

This paper investigates the conversion of the Pharisee Paul of Tarsus from a historical viewpoint and in the context of the relationship

¹ Este artigo se trata de versão ligeiramente modificada do texto apresentado no 1º Encontro dos Núcleos Paraná e Santa Catarina do GT de História das Religiões e das Religiosidades – Corpo e Religião, que foi realizado entre os dias 12 e 15 de outubro de 2009 no Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina.

² Monica Selvatici é doutora em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professora Adjunta do Departamento de História – Universidade Estadual de Londrina (UEL).

between body and religion. Its mains sources are the epistles of Paul himself sent to Christian Communities founded by him in East Mediterranean under Roman Rule.

KEY-WORDS

Paul of Tarsus, body and religion, conversion.

KEY-WORDS

Paul of Tarsus, body and religion, conversion.

Ao refletirmos sobre a relação entre as esferas da religião e do corpo, torna-se oportuno e interessante levantarmos o posicionamento atual de uma importante vertente cristã, a Igreja Católica. Em uma declaração do papa Bento XVI feita no dia 3 de junho de 2009, ele afirmou que a “fé não é só pensamento, também é arte”. Esta afirmação teve por objetivo, segundo ele, esclarecer um mal-entendido muito difundido no Ocidente, o de que a fé se trataria de algo abstrato ou mesmo ideológico. Para Bento XVI, a fé corresponde a “uma experiência na qual participam todos os sentidos, e por este motivo precisa e produz arte em suas diferentes manifestações estéticas” (ZENIT.org.). Apresentando a figura do monge Rábano Mauro (c. 780 - 856 d.C.), conhecido como primeiro mestre germânico ou, no latim, *primus praeceptor Germaniae*, Bento XVI procurou exemplificar a questão da fé envolvendo toda a experiência sensorial. O monge foi um importante filósofo e teólogo que ilustrava seus escritos em verso e, inclusive, com desenhos. Embora a reunião do raciocínio lógico, da percepção sensorial e das manifestações artísticas fosse algo muito característico das igrejas orientais bizantinas, percebe-se que no Ocidente, religiosos, como o monge germânico, adotaram esta prática, pois, segundo o papa,

Rábano Mauro tinha uma consciência extraordinária da necessidade de envolver a fé na experiência, não só a mente e o coração, mas também os sentidos através desses outros aspectos do gosto estético e da sensibilidade humana que levam o homem a desfrutar da verdade com todo seu ser, ‘espírito, alma e corpo’.

O pontífice continua sua explanação afirmando que: “a fé não é só pensamento, toca a todo o ser. Dado que Deus se fez homem em carne e osso e entrou no mundo sensível, nós temos de procurar encontrar Deus com todas as dimensões de nosso ser”. E conclui dizendo que “a realidade de Deus, através da fé, penetra em nosso ser e o transforma”.

Esta última sentença de Bento XVI – bem condizente com o pensamento teológico católico no contexto da renovação carismática – remete/alude para a experiência de conversão de uma importante personagem do movimento cristão antigo: o apóstolo Paulo.

Os especialistas datam a conversão de Paulo de Tarso ao movimento cristão – ou se preferirmos, o chamado, ou ainda, o contato que ele afirma ter tido com Cristo (em aramaico, o Messias) de um período razoavelmente próximo à crucificação de Jesus, que teria ocorrido em 30 d.C.³ O relato deste evento nós o devemos ao autor de Atos. Este narra o momento com riqueza de detalhes: Paulo segue com seus companheiros em direção a Damasco, onde irá prender os seguidores do ‘Caminho’ e trazê-los a Jerusalém. Já às portas da cidade, aparece uma luz que o cega e o faz cair por terra. Paulo ouve, então, uma voz que diz a ele: “*Saulo, Saulo, por que tu me persegues?*” À indagação de Paulo de quem se tratava aquela voz, a resposta é a seguinte: “*Eu sou Jesus, a quem tu estás perseguindo, mas levanta-te, entra na cidade, e te dirão o que debes fazer*”. Paulo se levanta e, não enxergando nada, é conduzido por aqueles que o acompanhavam até a cidade. Lá permanece três dias sem ver e em jejum até que um cristão chamado Ananias recebe uma visão do Senhor ordenando-lhe que vá ao seu encontro. O cristão estranha a ordem e tenta argumentar que o homem em questão se trata de um perseguidor da igreja, segundo ele ouvira dizer. O Senhor insiste: “*Vai, porque este homem é para mim um instrumento de escol para levar o meu nome diante das nações pagãs, dos reis, e dos filhos de Israel*”. Assim Ananias entra na casa onde está Paulo e impõe as mãos sobre

³ Assim, segundo Hengel e Schwemer (1997: 27) e Murphy-O’Connor (2000: 24), a conversão teria ocorrido em 33 d.C. As datas mencionadas ao longo do texto se referem ao período depois de Cristo, salvo aquelas por nós especificadas.

ele, invocando o nome do Senhor. Paulo recupera a vista e se alimenta finalmente, recobrando as forças, descreve Atos 9:3-19a.

Muito já foi discutido sobre o termo ‘conversão’ e sobre como ele não se aplica ao que acontece com Paulo. De fato, para os judeus do período do Segundo Templo, a conversão era aquela de um gentio à sua religião. Assim, ela correspondia ao resgate desses pagãos de sua vida de imoralidade e idolatria para uma vida de virtude e temor a Deus. Este conceito não se aplica a Paulo. Nem tampouco é correta a ideia de que Paulo se converteu de uma religião para outra. Os cristãos no século I, anteriores a Paulo, se enxergavam como judeus, e ele próprio nunca se entendeu como pertencente a uma outra religião. Alan F. Segal pensa exatamente desta forma,⁴ porém prefere sustentar a ideia de que Paulo é um converso na medida em que a sua visão do Cristo ressuscitado o faz “*reavaliar o seu judaísmo, assim criando uma nova compreensão da missão de Jesus*” (1990: 71), a ponto de tornar-se um apóstata.⁵ O autor entende a conversão do fariseu perseguidor da igreja como uma visão extática, típica das correntes místicas e apocalípticas que permeavam o judaísmo do século I. Daniel Boyarin, ao contrário, não acredita que Paulo seja um apóstata, mas na realidade ‘um judeu radical’ engajado em um projeto teológico dentro do próprio judaísmo de crítica e redefinição do povo de Deus. Assim, para ele não há conversão, embora haja mudança. Já para Hengel e Schwemer, a mudança radical de atitude de Paulo, enquanto um homem que zelava pelo rigoroso seguimento da lei mosaica para sua pregação de Jesus enquanto o messias a judeus e gentios, só pode ser explicada através do fenômeno sobrenatural da aparição de Jesus.

Giuseppe Barbaglio e W. D. Davies, por sua vez, atentam corretamente para o fato de que Paulo depende da literatura escatológico-apocalíptica judaica, característica do fim do período do Segundo Templo. Esta era caracterizada principalmente pela esperança na ressurreição

⁴ Ver 1990: 284.

⁵ Murphy-O'Connor concorda com ele. Ver: 2000: 85, nota 2. Barclay também aposta na ideia de que Paulo foi interpretado pelos judeus como um apóstata. Ver: 1995: 118.

final e pela concepção dualista de dois mundos. De acordo com tal literatura, o advento do messias marcaria o fim do tempo mundano e o julgamento final onde os justos ganhariam o ‘Reino de Deus’ e os ímpios pereceriam.

Num olhar mais próximo e atento às ideias que Paulo veicula em suas cartas, o que se mostra evidente, a nosso ver (a despeito das especulações dos teólogos sobre a natureza da experiência e sobre a veracidade da aparição), é a forte consciência – derivada da cosmovisão hebraico-judaica da qual o apóstolo obviamente partilha sendo um judeu fariseu, filho de judeus fariseus – da interferência de Deus na história humana. A conversão de Paulo ao movimento do ‘Caminho’ é necessariamente a crença que nele brota, após o evento que ele se nega a descrever com detalhes, de Jesus como o messias, o Cristo ressuscitado, ou seja, a realização das profecias de Israel. As discussões sobre o conceito de conversão perdem um pouco o seu sentido quando guardamos em mente este fato e também quando percebemos que tal questão, se chegou realmente a fazer parte das elucubrações teológicas do próprio Paulo, o preocupou somente no final de sua carreira apostólica (quando redigiu suas últimas cartas⁶), ou seja, muito tempo depois da experiência que mudou sua vida.

Lucas narra o episódio da conversão três vezes (em 9:3-19a; 22:3-16; 26:4-18), e embora haja incongruências em aspectos menores entre os três relatos,⁷ esta repetição deixa impressa uma imagem na mente daqueles que lêem o livro, difícil de dissociar dos esparsos e sucintos comentários que o próprio Paulo faz a respeito de sua experiência.

⁶ Referimo-nos, além de Romanos, à epístola aos Gálatas especialmente, porque aí encontramos indícios de uma reflexão de Paulo acerca de sua nova relação com o Judaísmo. Ver mais adiante nossos comentários a Gl 1:15.

⁷ No primeiro relato, os companheiros de Paulo ouvem a voz e aparentemente não vêem a luz porque não ficam cegos. Já no segundo relato, os companheiros de Paulo vêem a luz, mas não ouvem a voz; e no terceiro, todos caem por terra em consequência da forte luz. Além disso, no último relato, o Cristo fala mais do que nos dois primeiros. Ele diz a Paulo “*é duro para ti recalcitrar contra o aguilhão*” (At. 26:15), além de afirmar a ele que o motivo de sua aparição é enviá-lo às nações gentias para convertê-las das trevas à luz.

É certo que Lucas elabora e enriquece o texto, porém ele trabalha uma tradição que remonta obviamente ao que o próprio apóstolo contara às suas comunidades.

Nas epístolas que conhecemos, entretanto, não encontramos essas detalhadas descrições que Paulo deve ter feito a seus irmãos de fé (talvez pela dificuldade que ele tenha em traduzi-lo em palavras). As pequenas menções ao momento da conversão estão na primeira epístola aos Coríntios 9:1 e 15:8 e na epístola aos Gálatas 1:15. Alguns autores acreditam que Paulo se refere a ela em outras passagens ainda (como Gl. 1:12; Fl. 3:5+; e mesmo 1Cor. 1:17; 2Cor. 4:6 e 12:22), porém não encontramos indícios do evento em questão em tais trechos. Em 1Cor. 9:1, Paulo é sucinto e elabora a frase em forma de pergunta, “*acaso não vi Jesus, nosso Senhor?*” Já em 15:8, ele fornece mais informações, ao dizer que o Cristo, “*por último [depois de todos], apareceu também a mim, como a um abortivo*” (*eschaton de pantōn hōsperei tō ektrōmati ōfthē kamoī*).

Paulo se compara a um aborto quando viu o Cristo, ou melhor, quando o Cristo apareceu a ele. Esta comparação é denotada pela construção de aoristo passivo na frase, onde tanto *kamoī* (a mim) quanto o dativo *tō ektrōmati* (o aborto) são agentes da passiva. A metáfora do aborto também é utilizada em Gl. 1:15, onde ele afirma: “*quando aquele que me separou do ventre de minha mãe e me chamou por causa de sua graça, julgou ser bom revelar seu filho em mim*”.⁸

A Bíblia de Jerusalém comenta que a comparação ao aborto é uma “*alusão ao caráter anormal, violento, “cirúrgico” da vocação de Paulo*” (1994: 2168, nota j). Este aspecto de uma aparição considerada traumática é evidente na medida em que observamos a mudança radical que Paulo confere à sua trajetória, partindo da perseguição à igreja cristã para juntar-se ‘de corpo e alma’ a ela. Já a expressão ‘do ventre de minha mãe’, Paulo retira de um contexto que conhece bem, o das Escrituras. Ele busca as palavras dos profetas Isaías e Jeremias em Is. 49:1-6 (“*desde o ventre de minha mãe, repetiu para si o meu nome (...) destinei-te a seres luz das nações*”) e Jr. 1:5 (“*Antes mesmo*

⁸ A tradução é nossa.

de te formar no ventre materno, antes de saíres do teu ventre (...); eu te consagrei; eu te constituí profeta para as nações”).⁹ A nosso ver, no momento em que a carta é redigida, a compreensão de Paulo acerca de sua conversão é a de que ela fora obra de um plano de Deus elaborado muito antes, na realidade, desde sempre.

A insistência de Paulo em associar seu contato com o Cristo ressuscitado à ideia de um aborto remete a uma segunda questão (além do aspecto da violência e força do chamado) se levarmos em conta o fato de que ele se tratava de um judeu. A herança sanguínea judaica sempre foi transmitida pela mãe. Assim, os judeus eram aqueles nascidos de ventre judeu. Quando o ‘apóstolo dos gentios’ afirma que Deus o separou do ventre materno, o chamou por sua graça e decidiu revelar o seu filho nele de modo que evangelizasse os gentios, ele está dizendo que a pregação direcionada aos gentios que faz (que tem por princípio a negação da circuncisão e a justificação dos cristãos gentios pela fé no Cristo) o exclui do povo ao qual pertence e, de igual maneira, está diretamente ligada ao contato do Cristo ressuscitado para com ele.

Felizmente, Paulo é bem loquaz no que diz respeito à questão de sua antiga observância da lei judaica. Em Filipenses 3:5c, ele afirma que no passado fora “*quanto à Lei, fariseu*”. Os fariseus, em hebraico *perushim*, que significa “separatistas”, ou “intérpretes” (em grego, *farisaioi*) compunham um dentre os diversos grupos judaicos existente na Palestina no século I d.C. A primeira definição remete à ideia de que eles se mantinham afastados da profanação ritual; já a segunda, ao fato de que eles interpretavam o texto escrito da Torá, o que se desenvolveu, após a destruição do Templo de Jerusalém pelos romanos, e se constituiu na tradição rabínica (UNTERMAN, 1992: 100).

Os fariseus objetivavam a santificação ritual da vida diária no território de Israel. Além das leis de pureza, o farisaísmo demonstrou interesse por outros assuntos legais como os festivais, a adoração, as questões criminais e também a caridade e a ética (HENGEL, 1991: 30-31). E, através das fontes rabínicas posteriores ao período em questão, sabemos que os fariseus eram obrigados a obedecer a tanto a Torá

⁹ MURPHY-O’CONNOR, 2000: 93.

escrita como a sua interpretação oral (MURPHY-O'CONNOR, 2000: 71). Nas epístolas de Paulo, pode-se enxergar uma influência do *midrash*¹⁰, realizado pelos estudiosos fariseus, que corresponde à exegese rabínica. Como este método tinha por função conciliar contradições no interior da Torá, além de trazer uma mensagem do texto bíblico mais próxima às pessoas do povo, é possível perceber o quanto Paulo se utilizou dela de forma a encaixar as suas novas crenças, em primeiro lugar no quadro das Escrituras e, posteriormente, numa linha de pensamento com a qual suas comunidades gentílicas pudessem se identificar. Assim, em 1Coríntios 10:1-13, ele elabora uma tipologia do Êxodo na qual a rocha de Números 20:8¹¹ que mata a sede do povo de Israel no deserto simboliza, no seu entender, o próprio Cristo antes de sua vinda sobre a Terra e, por isso, a água que dela jorra é uma bebida espiritual (10:3-4). Já em Gálatas 3 e Romanos 4, o missionário discorre sobre a justificação de Abraão pela fé: “foi assim que Abraão creu em Deus e isto lhe foi levado em conta de justiça. Sabei, portanto, que os que são pela fé são filhos de Abraão”, afirma ele em Gl. 3:6-7. Em Gl. 4, ele interpreta os cristãos como os filhos de Sara e os que seguem a Lei como os filhos de Agar. E, sobretudo em Rm. 9-11, ele desenvolve seu argumento acerca da promessa feita a Abraão de modo a justificar seus discípulos gentios dentro das comunidades cristãs apenas e tão somente por meio da fé no Cristo ressuscitado.

Ao atentarmos para o método de interpretação da Lei que Paulo frequentemente utiliza em suas epístolas, percebemos o quanto da formação farisaica ele retém em sua vida cristã. Assim, no entender do já velho e experiente cristão, Cristo sendo o ‘filho de Deus’ sempre esteve presente nas Escrituras. Encontrá-lo nelas é apenas uma questão de se

¹⁰ Trata-se de um “método homilético de interpretação bíblica no qual o texto é explicado diferentemente de seu significado literal” (UNTERMAN, 1992: 174). Também significa as várias coleções de comentários bíblicos que foram compilados e antes compunham a Torá oral.

¹¹ Em Números 20:8, Yahweh fala a Moisés: “Toma a vara e reúne a comunidade, tu e teu irmão Aarão. Em seguida, e sob os olhos deles, dize a este rochedo que dê as suas águas. Farás, pois, jorrar água deste rochedo, e darás de beber à comunidade e aos seus animais”.

prestar um pouco mais de atenção e de se fazer a interpretação necessária através dos *midrashim*, dos quais ele tem vasto conhecimento.

Se inserirmos o farisaísmo no contexto judaico do século I d.C. que, sabemos, era permeado por fortes expectativas escatológicas, encontramos mais indícios sobre ele dentro do quadro de uma escatologia apocalíptica¹². Os apocalípticos acreditavam que existia uma estreita relação entre o mundo terreno e o celeste. Neste sentido, eles praticavam viagens extáticas ao céu de modo a conhecer os mistérios divinos e a poder compreender a realidade terrena (SCHIAVO, 2001: 107). Embora a corrente apocalíptica não fosse exatamente popular, as visões e experiências de êxtase características desta vertente integravam a rica e diversa paisagem judaica da Palestina, e eram também partilhadas pelos fariseus.

Uma possível ligação de Paulo com a tradição farisaica apocalíptica visionária é levantada em função da passagem 1Cor. 14:18, onde o missionário afirma ter experimentado o ‘falar em línguas’ (êxtase no qual, acreditava-se, a pessoa falava a ‘língua dos anjos’) mais do que todos os outros integrantes da comunidade coríntia. Além disso, a famosa passagem 2Cor. 12:1-7 sugere que ele tenha sido um praticante do misticismo *Merkabah* (em hebraico, o trono ou a carruagem de Deus). A visão que Paulo descreve é característica desta corrente mística, pela qual o iniciado fazia uma viagem em estado de êxtase e visualizava o trono de Deus: em tal trecho, o missionário se refere a uma abundância de visões e revelações que teve e também a uma ascensão sua (em forma de arrebatamento) até o ‘terceiro céu’ onde ele ouviu palavras “*que não é lícito ao homem repetir*” (12:4). A hipótese de que Paulo

¹² Por escatologia apocalíptica, entendemos “uma perspectiva religiosa, uma maneira de encarar o plano divino em relação às realidades mundanas [terrestres]” (HANSON, P. D. *apud* DE BOER, 2001: 12-13). “Esta perspectiva ou cosmo-visão pode ser adotada por vários grupos sociais, em vários graus, em vários momentos. Nesta perspectiva, o plano salvífico de Deus é concebido como resgate da atual ordem para uma nova ordem da realidade, transformada (...). A escatologia apocalíptica não trata somente da expectativa futura (a época vindoura), mas da interpretação do passado e da atual situação (a época presente é a ordem ou o domínio do mal)” (DE BOER, 2001: 12-13).

conhecesse tais viagens extáticas torna-se mais plausível na medida em que ele afirma não ter certeza sobre ter feito tal ascensão dentro de seu corpo ou fora dele (12:2-3). De acordo com William D. Davies (1999: 686), “*a julgar por isso, o farisaísmo do qual Paulo veio não era árido ou legalístico, mas aberto ao êxtase visionário*”. Compreendida no contexto da prática mística, sua própria conversão corresponderia, assim, à mais forte dessas experiências.

Referências bibliográficas

Fontes:

Bíblia de Jerusalém. **Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 1994.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

Bibliografia:

BARBAGLIO, Giuseppe. **São Paulo, o Homem do Evangelho**. Petrópolis: Vozes, 1993.

BARCLAY, John M.G. Paul among Diaspora Jews: Anomaly or Apostate? **Journal for the Study of the New Testament** 60, 1995: 89-120.

BOYARIN, Daniel. **Paul: a Radical Jew**. Berkeley: University of California Press, 1994.

DAVIES, W. D. Paul: From the Jewish Point of View, in: HORBURY, W., DAVIES, W. D. & STURDY, J. **The Cambridge History of Judaism, 3: The Early Roman Period**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, pp. 679-730.

DE BOER, Martinus. A Influência da Apocalíptica Judaica e Cristã sobre as Origens Cristãs: Gênero, Cosmovisão e Movimento Social, in: NOGUEIRA, P.A.S. (ed.). **Estudos de Religião 19: Apocalíptica e as Origens Cristãs**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2001, pp. 11-24.

- HENGEL, Martin. **The Pre-Christian Paul**. London: SCM Press, 1991.
- HENGEL, M. & SCHWEMER, A. M. **Paul Between Damascus and Antioch**. The Unknown Years. Louisville: Westminster John Knox Press, 1997.
- MURPHY-O'CONNOR, J. **Paulo**. Biografia Crítica. São Paulo: Loyola, 2000.
- SCHIAVO, Luigi. Com Satanás ao redor da terra. As tentações de Jesus (Lc. 4, 1-13) como relato de experiência visionária de viagem, in: NOGUEIRA, P. A. S. (ed.). **Estudos de Religião 19**: Apocalíptica e as Origens Cristãs. São Bernardo do Campo: UMESP, 2001, pp. 105-32.
- SEGAL, Alan F. **Paul the Convert**. The Apostolate and Apostasy of Saul the Pharisee. New Haven and London: Yale University Press, 1990.
- SELVATICI, Monica. **Tradição Judaica, Cultura Helênica e Dinâmica Histórica**: O Cristianismo de Paulo de Tarso em perspectiva. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002 (Dissertação de Mestrado).
- UNTERMAN, Alan. **Dicionário Judaico de Lendas e Tradições**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

Site consultado:

<http://www.zenit.org/article-21772?l=portuguese>. Acesso em: 03 de junho de 2009.